

## Café Olímpico, 18horas<sup>1</sup>

Teresa Campos dos Santos<sup>2</sup>

Mestre em História da Arte. Faculdade de Letras. Universidade do Porto

**Resumo: Eu trabalho de graça.** Da afirmação, a *performer* Beatriz Albuquerque passou para a construção de um projecto que, desde 2005, vai pondo em prática em diferentes geografias culturais. Na senda do activismo social e da mudança do indivíduo, a *performer* explora o *non-sense*, oferecendo trabalhos artísticos, sem pedir nada em troca. Na rua ou na galeria. Nos Estados Unidos da América, em Portugal ou na Grécia. Beatriz rompe com o pensamento capitalista ocidental e com as normativas do mercado artístico. Este artigo, *Café Olímpico, 18horas* procura dar a conhecer um projecto de *performance art* que - colocando o seu foco no processo e não tanto no fim - propõe a desconstrução do real. Assim, a intervenção social concretiza-se através do diálogo, do momento, da experiência partilhada. Dar, sem receber. Um convite simples, que a sociedade actual já não consegue apreender. De tudo isto trata *Work For Free*. Sobre tudo isto se reflecte em *Café Olímpico, 18horas*.

**Palavras-chave:** *Performance art*, Beatriz Albuquerque, *Work For Free*

**Abstract: I work for free.** From this statement, the performer Beatriz Albuquerque passed to the construction of a project that, since 2005, she has been putting in practice in different cultural geographies. In the path of the social activism and of the individual change, the performer explores the non-sense, offering artistic works, asking nothing in return. In the street or in the gallery. In the United States of America, in Portugal or in Greece. Beatriz breaks with the occidental capitalistic thought and with the standards of the artistic market. In this article, *Olympic Café, 18hours* tries to make known a performance art project that – putting it focus in the process and not so much in the conclusion – proposes the deconstruction of the reality. Thus, the social intervention is materialised through the dialogue, the moment and the shared experience. Giving, without receiving. A simple invitation, which the current society can no longer apprehend. About all of this talks *Work For Free*. All of this is meditated in *Olympic Café, 18hours*.

**Keywords:** Performance art, Beatriz Albuquerque, *Work For Free*

---

<sup>1</sup> Trabalho de investigação realizado no âmbito da unidade curricular de História da Arte Contemporânea em Portugal (séculos XX e XXI) II, do Mestrado em História da Arte Portuguesa, no ano lectivo 2010/2011.

<sup>2</sup> Mestranda em História da Arte Portuguesa, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP).



## 1. Introdução

**Café Olímpico, 18horas representa, neste contexto, um espaço e um tempo de reflexão, situados entre o travo das ideias e o aroma do pensamento.**

Café Olímpico, 18horas. O espaço e o tempo condensam-se num título que toma por base as circunstâncias em que me encontrei com a performer Beatriz Albuquerque<sup>3</sup>. Considero que foi através deste contacto com a artista que o meu projecto de investigação começou a ganhar forma, na medida em que comecei a debruçar-me sobre um projecto seu intitulado Work For Free.

No entanto, o ponto de partida desta investigação teve um âmbito mais alargado. As primeiras pesquisas dividiram-se entre conceitos e práticas como a performance, o activismo cultural e a intervenção social. Desejando, desde início, focar a minha atenção na arte que procura provocar um efeito na sociedade; o trabalho da performer Beatriz Albuquerque surgiu como um caso ilustrativo disso mesmo. Partindo de uma visão global das práticas artísticas viradas para a sociedade e para as suas dinâmicas, cheguei ao caso, muito particular, dos projectos de Beatriz Albuquerque.

Neste artigo, centrei a minha análise no trabalho Work For Free, esboçado e posto em prática por Beatriz Albuquerque, desde 2005. O meu olhar será, por isso, um olhar direccionado para os fundamentos do projecto, para os seus objectivos e, sobretudo, para os seus resultados ou, melhor dizendo, para as experiências retiradas do processo.

Café Olímpico, 18horas – constitui, por isso, um projecto em construção na medida em que, independentemente da sua forma final, ele será sempre um trabalho em aberto, não continuasse Work For Free a ser posto em prática pela performer. Desta feita, este artigo espelha, forçosamente, essa abertura e mesmo esse espaço de diálogo interpretativo que a performance explora.

---

<sup>3</sup> Breve nota biográfica: Beatriz Albuquerque é uma artista plástica portuguesa que faz uso de diferentes meios de expressão artística, na concretização dos seus trabalhos. A *performance* é um desses meios, onde explora a intervenção social, na senda da mudança do indivíduo. Entre Chicago e Portugal, a *performer* tem vindo a desenvolver os seus estudos e projectos. Em 2004, integrou o *Independent Performance Group* fundado por Marina Abramovic. Neste momento, encontra-se a realizar o doutoramento em “*Education in Art and Art Education*” no *Teachers College Columbia University*, em Nova Iorque.



## 2. Uma entrada no Café Olímpico, 18 horas.

Nesta etapa do artigo, passo para um discurso mais directo. Só, assim, fará sentido falar sobre uma experiência de trabalho, que situo entre uma entrevista formal e uma informal conversa de café. Uma tertúlia de ideias. Uma partilha não tão dialéctica, uma vez que procurei, sobretudo, ouvir e interiorizar como alguém, uma performer, se entrega a projectos sem saber, de antemão, o que eles lhe vão trazer; no fundo, o que eles vão ser, em si mesmos. Neste contexto, alguns valores compõem a experiência performativa - **o risco, a indefinição, o incontrolável**. Com eles, o performer não pretende, somente, uma exploração gratuita dos limites físicos do indivíduo. O que procura, fundamentalmente, é a exploração das condicionantes intrínsecas ao ser humano, sobretudo, como ser social e membro de um grupo - **a educação, a instrução, a cultura, a religião, a política, os costumes**. Tudo aquilo que nos prende; que nos filtra o pensamento, que nos faz, por exemplo, hesitar perante um convite para assistir e participar numa performance. Ou tudo o que nos faz aceder, de imediato, a esse pedido.

Sobre tudo isto fala e falou-me Beatriz.

Por isso, Café Olímpico, 18 horas representa, para mim – tal como para um performer, se me é permitida a comparação – um projecto que se concretizou no seu processo. O processo de conhecimento e descoberta, sem qualquer exaltação ou exacerbação despropositada foi o ponto central e concretizador deste trabalho de investigação. Isto, se entendermos a arte contemporânea como uma arte que vive verdadeiramente do projecto e da partilha. Se, num primeiro momento, no café Olímpico – espaço físico – foi mais intensa a partilha de Beatriz, no sentido da exposição dos seus projectos e das suas ideias; neste Café Olímpico – num plano mais metafórico e imaterial (em forma de artigo) – pretende completar-se esse processo iniciado e que se quer dialéctico.

Desta feita, as próximas linhas seguem os principais tópicos que regeram a conversa com Beatriz e que representam conceitos-chave no seu trabalho, como performer.

### 3. Estados Unidos da América. Espaços físicos e imaginários.

Um dos pontos fortes no encontro com Beatriz Albuquerque – forte, na medida em que tomou lugar em grande parte do nosso debate – foi, naturalmente, o impacto que a experiência de estudar, de trabalhar e de viver nos Estados Unidos da América tem trazido ou não, para o trabalho da artista, como performer. A questão surgiu tomando por base o excerto de um dos estudos consultados e serviu de mote para toda a conversa.

“For middle class Americans **the street** is an extremely important symbol **because your whole enculturation experience is geared around keeping you out of the street ...**”<sup>4</sup>

Este trecho fez com que, imediatamente, sentisse necessidade de perceber que significado especial assumia a rua, no contexto social dos Estados Unidos da América.

O choque foi total.

Quando apresento esta ideia - questionando Beatriz sobre o valor da rua, no contexto da performance americana, como espaço público, por excelência -, os olhos de Beatriz fitam-me para declarar, assertivamente, que a rua nos Estados Unidos da América é, absolutamente, privada. Habitualmente, as lojas compram o espaço circundante, como os passeios, pelo que é proibido estar muito tempo imóvel nessas zonas adquiridas pelas lojas. A polícia, bem como os seguranças, têm o poder de afastar quaisquer pessoas que estejam numa dessas áreas, sentadas à espera de um amigo ou, tão simplesmente, a olhar o rebuliço quotidiano.

Após o choque, veio a compreensão absoluta. Compreensão, em especial, de alguns dos trabalhos de Beatriz. Entendimento de como a rua continua a ser, efectivamente, um espaço simbólico e com significado mas, neste caso, por razões e motivações diferentes. Esta já não é uma rua democrática.

---

<sup>4</sup> Abbie Hoffman, in Derek Taylor, *It was twenty years ago today*. Apud FELSHIN, Nina – *But is it art? : the spirit of art as activism*. Seattle: Bay Press, 1996, p. 14.

Beatriz falou, essencialmente, sobre Nova Iorque e Chicago – cidades com as quais está mais familiarizada, por motivos académicos e profissionais. Muitas outras considerações foram feitas. A sociedade americana – por Beatriz Albuquerque – define-se através de três valores que deseja, intensamente: **poder; dinheiro; amor**. A equação perfeita torna-se, muitas vezes, inconciliável pelo que as relações humanas constituem um problema para muitos dos cidadãos americanos. Numa sociedade que se define, segundo a performer, como uma sociedade capitalista, onde o dinheiro se assume como um elemento central, outras características se destacam, até por oposição às sociedades europeias. Nos Estados Unidos da América, toda a actividade é remunerada. A sociedade não apreende a noção de dar, sem esperar algo em troca. Este último aspecto será, também, central para compreender o impacto do projecto *Work For Free* de Beatriz, nos Estados Unidos da América.

#### **4. Multiculturalismo. Imagens aparentes e projectadas.**

Nos primeiros momentos passados nos Estados Unidos da América e através do convívio diário que Beatriz ia estabelecendo, a artista apercebeu-se do significado do termo “multiculturalismo”, mas também daquilo que, apelidarei, de paradoxo americano. Numa sociedade multi-racial, Beatriz apercebeu-se de como existia e se manifestava a discriminação nos Estados Unidos da América. Uma experiência pessoal da performer ilustra esta mesma realidade. Beatriz é alvo de um insulto que, em tom pejorativo, a chama de “negra”. Por isso, Beatriz confessa que quando chegou aos Estados Unidos da América, percebeu que era negra. Este exercício de marginalização deveu-se ao sotaque que Beatriz apresentava ao comunicar em inglês. Esse sotaque apontava – no entendimento dos seus pares - para que Beatriz fosse natural da América latina. Assim, a exclusão de Beatriz iria ser determinada pelo seu sotaque e por aquilo que ele significava ou indiciava, em termos de origem geográfica e cultural. A partir deste momento e desta experiência, Beatriz reviu parâmetros e perspectivas sobre a cor da pele, sobre a sociedade americana e, principalmente, sobre os próprios processos de discriminação. Os seus trabalhos espelham estas mesmas vivências.



Fig. 1 - Performance Color, Musicircus, Chicago Cultural Center (USA), 2007.

Fonte da imagem: <http://www.beatrizalbuquerque.web.pt/2007Musicircus.html>. 07-11-2011 15:33.

Fonte do vídeo da performance: <http://www.youtube.com/watch?v=pW5ElyPoeQM>. 07-11-2011 16:14.

Performance I. Proximidades e distâncias.

Ainda no que diz respeito à experiência de trabalho americano/europeia de Beatriz, do ponto de vista da performer não há um maior conhecimento nos Estados Unidos da América e por parte do público em geral do que é a performance, em comparação com o meio artístico português. A diferença entre ambas as realidades reside, essencialmente, na dimensão do mercado artístico – superior no caso dos Estados Unidos da América. Contudo, em relação ao público, é possível dizer que, em Portugal, as pessoas são, geralmente mais participativas e receptivas a uma situação de performance, do que nos Estados Unidos da América. Tal, segundo Beatriz, prende-se com algumas características próprias da idiosincrasia de cada uma das sociedades, com ambições e desafios muito distintos.

## **5. Performance II. O processo como fim.**

Abordando a questão de como se processa a projecção de trabalhos conjuntos – entre vários artistas, neste caso, performers -, Beatriz alertou para a necessidade de estabelecer um contrato que estipule, entre vários pontos, a percentagem de ideia correspondente a cada participante. Este lado mais burocrático contribui, também, para a dessacralização da arte, bem como para assumir a vertente de mercado e de propriedade (direitos de autor), que alguns destes projectos possuem. Este lado mais formal está, também, presente nos formulários que, em algumas performances, o participante tem de preencher



para salvaguardar alguns aspectos dos quais o performer não quer abdicar. Ainda neste ponto, Beatriz explicou o significado de alguns dos seus trabalhos, intitulados Collaboration, e que dizem respeito a projectos onde há a colaboração de outras pessoas, que não a Beatriz, mas que não são performers.

No que diz respeito ao registo dos seus trabalhos, Beatriz faz uso de diferentes modalidades que servem, muitas vezes, como mediums para os seus projectos. Em todo o caso, admite que os participantes tirem fotos ou filmem, desde que não publiquem esse material. Esta é uma postura que diverge de alguns dos seus pares, defensores de outro tipo de perspectivas.

### I Work For Free/Eu Trabalho De Graça<sup>5</sup>



Fig. 2 - Cartaz que divulga o projecto performativo “Trabalho de Graça”.

Fonte: <http://www.beatrizalbuquerque.web.pt/2011/2011on-goïnWFF.html>. 07-11-2011 15:52.

<sup>5</sup> Enumeração das datas e espaços onde, até então, o projecto *I Work For Free* foi posto em prática.

2005 - Project: *Work For Free*, Street, Chicago – USA.

2006 - Project: *Work For Free*, [edge]PerformanceInsideOut / Chicago Park Yourself, Citywide Parking Space Project, Chicago – USA.

2007 - Project: *Work For Free*, KLab9: Art – Technology, Authorship and Ways of Living, Institute for Advanced Studies, Lancaster University, Lancaster – UK.

2008 - Projecto: Trabalho de Graça, Galeria 3+1, Lisbon – Portugal.

2009 - Project: *Work For Free*, 2nd Thessaloniki Biennale of Contemporary Art, Performance Festival, Thessaloniki – Greece.

2011 – Project: *work for free*, Desperate acts / performance into art, Macy Gallery, New York – USA.

Não vou particularizar a análise de nenhuma destas experiências performativas, mas sim dar uma panorâmica daquilo que são os pressupostos do projecto e do impacto que ele tem vindo a ter.

Entre espaços abertos e fechados. Ruas e Galerias. Espaços públicos e privados. O sagrado e o profano chocam-se em reacções e pedidos. O mote é sempre o mesmo: **trabalhar de graça**. Desde 2005, Beatriz já trabalhou – de graça – em três países diferentes. Estados Unidos da América, Portugal e Grécia responderam a um convite que só exige, ao público, um pedido, uma encomenda.

Num espaço mais improvisado – rua – ou numa divisão preenchida com uma secretária e algumas cadeiras – galeria -, Beatriz concretiza o seu projecto numa performance protagonizada por ela e por cada participante que se coloca diante da artista. Inspirada pelo capitalismo da sociedade americana, Beatriz subverte a noção de mercado artístico – financeiramente restrito e restritivo – colocando, à disposição de qualquer um, a possibilidade de adquirir um produto artístico, sem ter de retribuir tal gesto, de alguma forma.

“Whether the form these activities take is permanent or impermanent, **the process of their creation is as important its visual or physical manifestation.**”<sup>6</sup>

“And **how does one assess the impact of projects** that often strive for difficult-to-measure results like stimulating dialogue, raising consciousness, or empowering a community?”<sup>7</sup>

O impacto é sentido no processo. O contacto directo com o concomitante da obra constitui, em si, o momento central da performance. Aquele espaço e aquele tempo condensam-se. A partir deles, Beatriz conclui o seu trabalho.

As reacções ao projecto, em jeito de convite, são muito diversas.

---

<sup>6</sup> FELSHIN, Nina – *But is it art? : the spirit of art as activism*, p. 11.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 26.

“[...] **what may appear simple or stereotyped to one audience may be rich and meaningful to another** that is more involved in specific issues.”<sup>8</sup>

Os pedidos feitos à artista exploram diversos meios e expressões artísticas, que a performer possibilita. Desde a encomenda mais tradicional – do quadro para colocar na sala, a condizer com a decoração -, a trabalhos que exploram a temática da pornografia. Outros, ainda, deixam a escolha ao critério da performer. Enquanto outros levam fotos de ente-queridos falecidos para, através de um desenho, ser perpetuada a sua memória. Em cada um destes pedidos, há uma experiência. Uma experiência de vida que se quer partilhar. Uma necessidade que se quer transmitir. Um entendimento do mundo e desta arte que também quer ser mundo. Algumas pessoas gostam, inclusive, de acompanhar o próprio processo de execução da obra. **Porquê?** Talvez porque se sintam parte desse mesmo processo e isso as faça sentirem-se arte... (Tal assume um significado muito mais profundo em comunidades, ou pessoas, cujo percurso de vida as tenha feito pensar a arte como algo inacessível.) Talvez pela perpetuação de uma concepção de arte ultrapassada. Talvez por, no geral, a arte permanecer ainda ligada a essas concepções...

Se na Europa, particularmente em Portugal, a receptividade ao projecto foi significativa, na medida em que as pessoas aderiram facilmente à ideia e ao modo como a performance se processava, já nos Estados Unidos da América o público teve dificuldade em perceber o sentido da performance. Como foi mencionado anteriormente, uma sociedade capitalista, como a americana, habituada a pagar por todo o tipo de produto e trabalho, nem sempre conseguiu ultrapassar os seus filtros culturais, não sendo capaz de aceitar esta subversão e este non-sense a que a performance de Beatriz nos convida.

Se a Europa foi mais receptiva ao projecto, na Grécia, Beatriz viveu uma situação verdadeiramente interessante. Uma vez que não sabia comunicar em grego, Beatriz necessitou de uma intérprete para estabelecer o contacto entre ela e cada participante. Algumas das pessoas que colaboraram – sentindo-se, provavelmente, mais desinibidas pelo entendimento não imediato, por parte de

---

<sup>8</sup> LIPPARD, Lucy R. – Trojan Horses: Activist Art and Power. In TUCHER, Marcia – *Art after modernism: rethinking representation*, p. 356.

Beatriz, das palavras que proferiam – não hesitaram em fazer alguns comentários insultuosos, usando uma linguagem agressiva para com a performer.



Fig. 3 - Fotografia que regista a performance Work For Free, na Grécia.

Fonte: <http://www.beatrizalbuquerque.web.pt/2011/2011on-goinWFF.html>. 07-11-2011 15:48.

Apesar do espaço físico destas performances variar, a distância entre Beatriz e o público é, também, outra questão importante. Foi nos Estados Unidos da América que Beatriz sentiu, de uma forma mais clara, o estabelecimento de uma distância considerável, imposta pelo público em relação a ela. A performer relaciona este facto não só com a dificuldade de interacção humana, na sociedade americana, como também pelo facto do público não ter compreendido, de imediato, o fundamento daquele projecto.

O preenchimento de um formulário, onde são indicados os limites estabelecidos pela performer, bem como aquilo que o participante pretende, é parte integrante da performance.



Fig. 4 - Fotografia que regista a performance Work For Free.

Fonte: <http://www.beatrizalbuquerque.web.pt/2011/2011on-goinWFF.html>. 07-11-2011 15:44.

A performance é registada através da filmagem deste processo, estando o foco da câmara concentrado naquele que faz o pedido da obra.

No contexto deste projecto, Beatriz preserva o registo de todos os produtos artísticos que já fez.



Fig. 5 - Resultado de um projecto encomendado a Beatriz Albuquerque, no contexto da performance Work For Free.

Fonte: [http://museubernardo.blogspot.com/2009\\_05\\_01\\_archive.html](http://museubernardo.blogspot.com/2009_05_01_archive.html). 07-11-2011 22:26.

## 6. Café Olímpico, 18 horas. À saída.

**A palavra.** Não no texto previamente escrito. Mas no diálogo, na conversa, na troca. A performance *Work For Free* concentra-se no processo dialéctico. Não é só a arte que está em questão mas, sobretudo, o humano. A relação entre as pessoas. O peso cultural que cada um comporta.

**O gesto.** O registo da ideia, do pensamento, da reflexão. A performer cria um espaço e um tempo vazios de sentido sem o participante. É o público que constrói a performance, que a determina. Não está em questão o teor do pedido. O espaço e o tempo ganham forma naquela troca, que é de experiências, de pensamentos, de desejos. O indivíduo é livre. Sente-se livre. É mais determinante do que determinado.

**O momento.** Aquela parcela imaterial de tempo e de espaço. O indivíduo sente-se parte activa. Leva consigo algo que pertenceu àquela vivência que é artística mas, principalmente, humana. A obra serve de registo para algo muito maior em que o artista passa de actante a espectante. Quando Beatriz trabalha de graça, ela ouve de graça; compreende de graça; é amiga de graça numa sociedade onde as relações humanas tendem a seguir o processo de compra e venda.

*Work For Free* é, portanto, um repto constante à participação individual e, simultaneamente, à reflexão conjunta. Numa sociedade que já não dá, há quem ouse oferecer. Beatriz, através de um processo de tendência rizomática, concretiza a ideia de uma arte para todos. Uma qualquer arte. Pouco importa. A performer subverte as leis do mercado. No fundo, as leis sociais que regem o pensamento de cada um de nós. É neste non-sense que reside a problemática central de todo o projecto. É nesta inversão do processo habitual que se encontra o motor alimentador deste projecto, posto em prática desde 2005. É esta alteração do normal funcionamento do processo de produção e venda artísticas, que torna a performance numa performance que interroga, que questiona, que estimula a reflexão sobre “o eu social”.

**O processo.** Os minutos da performance dividem-se em períodos de grande afluência de público e outros de vazio, onde o espaço e o tempo estão lá, mas sem conteúdo, sem preenchimento. Ambas as circunstâncias são parte do processo. Do processo dialéctico, ao processo individual, solitário, de espera. O artista espera. E esta é uma das ideias fundamentais. O público deixa o artista à sua espera. Entra no espaço. Retorna à entrada. Hesita no pedido. Desiste. Questiona o porquê da câmara de filmar. Retrai-se perante a lente. Questiona o porquê de tudo aquilo. Procura entender. Não quer entender. Sente-se parte importante da performance. Sente-se mais importante que a artista. Faz uso dessa sensação. Sobrepõe-se ao momento. Domina o espaço e o tempo. Ousa controlá-lo. O processo dialéctico constrói-se. Vai sendo construído...

## **7. Conclusão**

Esta reflexão pretendeu condensar um processo de trabalho, através de um contacto próximo e directo com os projectos de Beatriz Albuquerque, com as problemáticas que trata, com as perspectivas que apresenta.

Work For Free foi o tópico central desta análise. Não podendo descrevê-lo, através de uma experiência pessoal e presencial – por não ter tido a possibilidade de assistir ou participar na performance -, neste ponto foram apresentadas algumas das vivências da artista na execução deste projecto realizado há cerca de seis anos. A performance, os seus pressupostos, os seus objectivos, as experiências daí advindas foram alguns dos elementos que pretendi registar de um modo claro dando, também, espaço para interpretações próprias.

Café Olímpico, 18horas constitui-se, assim, como um projecto em aberto. Aberto a todos os trabalhos que Beatriz venha, daqui em diante, a realizar. Aberto à própria continuação do projecto Work For Free. Tal como nesta performance, também neste trabalho de investigação o espaço e o tempo foram condicionantes determinantes para a sua forma final. Menos profunda

em alguns aspectos, mais incisiva em outros, a reflexão foi-se desenvolvendo ao ritmo de um café – entre as horas de rebuliço, do aroma das conversas; e as horas de silêncio, de uma solidão por vezes angustiante, por vezes essencial para o pensamento e para a introspecção. Num processo não redundante, mas cíclico. A conclusão é encerrada com as mesmas palavras que serviram de abertura a este trabalho.

**Café Olímpico, 18horas representa, neste contexto, um espaço e um tempo de reflexão, situados entre o travo das ideias e o aroma do pensamento.**



## **Fontes consultadas**

### **Fontes bibliográficas:**

AA. VV. - Los manifiestos del arte posmoderno: textos de exposiciones, 1980-1995. Madrid: Akal, cop. 2000.

ALBUQUERQUE, Beatriz – Art + Internet + Performance beginning of the 90s. Vila Nova de Famalicão: Impensável, 2008.

FELSHIN, Nina – But is it art? : the spirit of art as activism. Seattle: Bay Press, 1996.

LIPPARD, Lucy R. – Trojan Horses: Activist Art and Power. In TUCHER, Marcia – Art after modernism: rethinking representation. New York: The Museum of Contemporary Art, 1984, pp. 341 a 358.

NOCHLIN, Linda – Why have there been no great women artists? In NOCHLIN, Linda – Women, Art and Power and Other Essays. Oxford: Icon Editions, 1988.

### **Fontes electrónicas:**

BAUDRILLARD, Jean - Simulacra and Simulations.  
<http://www.egs.edu/faculty/jean-baudrillard/articles/simulacra-and-simulations/>.  
07-11-2011 16:10.

FIADEIRO, João – Composição em Tempo Real.  
<http://www.re-al.org/>. 07-11-2011 16:01.

GREENBERG, Clement – Modernist Painting.  
<http://www.toddstewart.net/gradseminar/Greenberg.pdf>. 07-11-2011 16:02.

NEVES, Rita Castro – Artist Statement.  
[http://www.ritacastroneves.com/textos.aspx?f=artigos&t=01\\_%20Artist%20statement\\_%20Artist%20statment](http://www.ritacastroneves.com/textos.aspx?f=artigos&t=01_%20Artist%20statement_%20Artist%20statment). 07-11-2011 16:04.

TAVARES, Paula – O activismo político como uma das belas artes. A arte activista explicada às crianças.  
<http://caldeira213.net/?p=39>. 07-11-2011 16:04.

### **Press releases – cortesia de Beatriz Albuquerque.**

BORGES, Sofia – Arte: Beatriz Albuquerque sobre eu trabalho de graça.

COBB, Anthony - Anthony Cobb On Beatriz Albuquerque At Incubate, Chicago.  
[http://magazine.saatchionline.com/magazine-articles/reports-from%20denmark/anthony\\_cobb\\_on\\_beatriz\\_albuqu](http://magazine.saatchionline.com/magazine-articles/reports-from%20denmark/anthony_cobb_on_beatriz_albuqu) 07-11-2011 16:11.

MATOS, Miguel – Arte. Finalmente, a arte ao alcance de todos. Time Out Lisboa. (Setembro de 2008).

Projecto: Trabalho de Graça por Beatriz Albuquerque. Press release de 2008 da exposição na Galeria 3+1.

### **Vídeos:**

Performance: “\$\$\$”, por Beatriz Albuquerque.  
<http://www.youtube.com/watch?v=wQViXdWYkGI>. 07-11-2011 16:13.

Performance: “1 x \$”, por Beatriz Albuquerque.  
[http://www.artfem.tv/id;4/action;showpage/page\\_type;video/page\\_id;Beatriz\\_Albuquerque\\_performance\\_documentation\\_1x\\_2005\\_flv/](http://www.artfem.tv/id;4/action;showpage/page_type;video/page_id;Beatriz_Albuquerque_performance_documentation_1x_2005_flv/). 07-11-2011 16:15.

Performance: “Color/Colour”, por Beatriz Albuquerque.  
<http://www.youtube.com/watch?v=pW5ElyPoeQM>. 07-11-2011 16:14.

### **Outras fontes:**

Contacto através de email com Beatriz Albuquerque. 16-04-2011 19:20, 17-04-2011 06:09, 17-04-2011 21:43, 19-04-2011 06:16, 20-04-2011 15:50, 22-04-2011 18:43, 18-05-2011, 17:09, 18-05-2011 23:19, 19-05-2011 04:41, 19-05-2011 09:53, 19-05-2011 23:54, 20-05-2011 14:47, 21-05-2011 19:18, 22-05-2011 14:24, 22-05-2011 19:28.

Entrevista a Beatriz Albuquerque. 19-05-2011 18:00, Café Olímpico (Porto).